

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Fábio Assis de Menezes¹

Leandro Dias Martins²

RESUMO:

O presente trabalho que aqui desenvolvemos tem como objeto de estudo a problemática da questão ambiental no campo. Nessa perspectiva, discutir com a escola e a comunidade uma nova concepção de meio ambiente, olhar de outro ângulo a importância dos seres vivos entendendo o papel de cada um nos ciclos e cadeias da vida. Compreender por meio de práticas simples no ambiente escolar a interdependência que há entre os seres vivos levando educandos, educandas e comunidade, por meio da reflexão das ações, a entender que a existência de uma vida depende de tantas outras. Pretende-se ainda destacar a relação que há entre as ações locais e os reflexos ou efeitos globais.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Ambiental; Interdependência; Escola.

INTRODUÇÃO

Atualmente a sociedade mundial vive um momento de fortes reflexões quanto aos problemas ambientais provocados pelo grande crescimento da população do planeta e pelo modo de produção capitalista, sendo este último, apontado por muitos autores como o protagonista principal dessa problemática e de tantas outras. Com a superprodução capitalista e suas conseqüências ao meio ambiente, a educação ambiental tornou-se objeto de estudo de centros de pesquisa, institutos e universidades que elaboram seus documentos e resultados de suas pesquisas. Entretanto, a preocupação maior em implementar e mudar práticas tradicionais de relacionamento com o meio ambiente tem sido tarefa da sociedade civil representada em sua grande maioria por movimentos sociais e organizações populares (associações, sindicatos, comunidades).

Diante disso, a partir das reflexões e observações feitas durante a execução do projeto de estágio na Escola Beatriz Gomes Simão, propomo-nos aqui a sistematizar os resultados no intuito de enfatizar que a escola e a comunidade são entes importantíssimos nessa tarefa de

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia da Terra – UNIR, Campus de Rolim de Moura. Técnico em Agropecuária e Vice Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia - FETAGRO. menezes.jipa@hotmail.com.

² Acadêmico do curso de Pedagogia da Terra – UNIR, Campus de Rolim de Moura. Técnico em Agropecuária. leandrodiasmt@hotmail.com.

olhar a vida no planeta de forma interdependente, perceber a dialética que há também na natureza.

Buscamos no trabalho de sala de aula “abrir uma fresta” para outras áreas do conhecimento, outras análises, trabalhando com uma temática que é própria dos (as) educandos (as), articulando a realidade local vivenciada e construir uma abordagem planetária, sustentada numa lógica de que o mundo está interligado, nos colocando enquanto seres humanos dependentes dessa cadeia. Enfocamos ainda a importância da interação com a família e a comunidade e como essa relação pode ser potencializada na escola.

A COLONIZAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA E A QUESTÃO AMBIENTAL.

No processo de colonização as pessoas eram convidadas a imigrar com promessa de ter terras para trabalhar e formar riquezas. Esse trabalho sempre foi calcado nos ciclos explorativos. Com o avanço da mecanização no campo, e, por conseguinte, o excesso de mão-de-obra, os governos lançavam mão de alternativas, geralmente por meio de projetos de colonização, para acalmar grandes contingentes de pessoas sem emprego e renda.

Na perspectiva de tirar os camponeses (as) do Sul do país para introduzir máquinas, os governos adotaram o discurso, fundamentado no slogan “Integrar para não Entregar”, que era preciso territorializar a Amazônia, frente às supostas possibilidades de invasão internacional na Amazônia.

Um desses projetos, o POLONOROESTE³, teve como principal orquestrador o estado brasileiro, que necessitava de pessoas que “desbravassem” a Amazônia, de forma que os agricultores e agricultoras foram perdendo seus espaços, “expulsos” do sul, sudeste e nordeste do Brasil e imigrando-se para o Mato Grosso e Rondônia, incentivados pelas “belas” propagandas sobre o “paraíso amazônico”.

Essa imigração desenfreada trouxe conseqüências irreparáveis: a devastação da floresta para fins de exploração madeireira e agropecuária. Com a construção da BR-364 acentuou-se ainda mais esse processo de ocupação desordenada. Não se considerou em momento algum as populações tradicionais: índios foram dizimados aos milhares no contato

³ Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil, executado na década de 1980 com recursos do governo Brasileiro e principalmente do Banco Mundial, abrangendo a BR 364 – MT e RO. Disponível em: <http://www.machadinho.cnpm.br/polono.html>. Acesso em 23/02/2007.

com os colonizadores, como destaca Gadotti (2000, p.21) ao relatar de forma generalizada o contato entre colonizadores e autóctones: “não houve um encontro de culturas, mas um choque cruel de culturas, em que uma foi massacrada literalmente”.

Os camponeses e camponesas, vindos (as) de regiões de intensa exploração agropecuária, paradoxalmente⁴, eram incentivados pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - órgão oficial de colonização, à desmatar pelo menos 50% de suas propriedades para terem posse dela.

Com o processo de colonização desarticulado, a prioridade na organização das cidades era a pavimentação asfáltica e na zona rural⁵ a construção das estradas. Assim, políticas como educação, saúde, agricultura, crédito e saneamento básico, ficaram a bel prazer. Essa falta de prioridade para a educação fez com que as escolas fossem criadas por pressão das comunidades e com pouquíssima estrutura, sendo os professores e professoras pessoas que residiam na comunidade, com uma formação escolar elementar. Geralmente eram poucos os que se dispunham a lecionar, pois não havia acompanhamento pedagógico e didático pelo poder público.

Essa situação de abandono reflete na forma com que foi pensada a produção, tal qual a educação, sem nenhuma política no sentido de planejar e amparar as iniciativas populares. Com o aumento ostensivo do rebanho bovino a partir da década de 1990 o ritmo do desmatamento – um dos graves problemas ambientais desse período – aumentou consideravelmente, sendo os fazendeiros os maiores responsáveis por esta prática, pois exploravam principalmente, a madeira e a pecuária extensiva de corte, seguidos dos pequenos agricultores que cultivavam o café e algumas culturas anuais como milho, arroz e feijão. Surge então, inconvenientes à estabilidade ambiental: o assoreamento dos rios desprotegidos por causa das imensas derrubadas, diminuição do período chuvoso, aumento da temperatura, queda na produção por causa do uso de agrotóxicos que atingiam e atingem a saúde dos seres vivos.

Ainda arraigados na agricultura tradicional, os camponeses e camponesas foram iludidos (as) pelas multinacionais, por meio do pacote da Revolução Verde, a utilizarem

⁴ Trata-se de uma contradição, pois a legislação ambiental brasileira é de 1965 e já previa para a região o desmatamento de no máximo 50%. A colonização teve seu apogeu na década de 1970 e 1980.

⁵ Essa nomenclatura foi utilizada até recentemente para denominar o espaço geográfico não urbano. Em uma perspectiva progressista utiliza-se o termo campo, por ter características peculiares do paradigma da Educação do Campo.

adubos químicos, agrotóxicos e máquinas pesadas com a falsa promessa de que melhorariam a produção e diminuiriam a mão-de-obra. Não se esclareceu, no entanto, a dinâmica financeira, como por exemplo, estatísticas quanto ao custo de produção, danos ambientais, sociais, e principalmente sobre degradação do solo e os riscos à saúde dos seres vivos em geral. Incorporaram então no seu sistema produtivo todo esse pacote, que não fazia parte do aparato de trabalho.

Como resultado e consequência dessa política de colonização têm-se hoje uma matriz produtiva⁶ agropecuária baseada na monocultura, no uso de produtos químicos, desmatamento e queimadas, uso inadequado dos recursos naturais como a madeira, a água e o solo.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA DO CAMPO

É comum, ao dialogar com as pessoas que vivem no campo à muito tempo, ouvir o relato de que o meio ambiente sofre mudanças e que isso tem afetado diretamente a vida do ser humano e outros seres vivos. Pode-se perceber um aumento considerável da temperatura, degradação do solo, queda na produtividade, assoreamento dos rios e lagos, surgimento de pragas e doenças e imensa produção de lixo. Fenômenos que são bem aproveitados pelas empresas de insumos e implementos agrícolas, que desenvolvem equipamentos de irrigação, herbicidas, inseticidas e outros, a fim de aumentar seus lucros sem considerar os impactos à sociedade e ao meio ambiente.

Neste sentido, a educação ambiental⁷ surge como uma necessidade a ser trabalhada nas organizações do campo, na família e também na escola, concebida como um espaço importante com organização curricular e práticas pedagógicas que contemplem as necessidades educacionais da comunidade, fazendo um paralelo entre a formação escolar e a aplicabilidade no cotidiano dos educandos – teoria e prática. Freire fala dessa inter-relação: [...] somente na relação dialética entre ação e reflexão, prática-teoria, é que se pode superar o caráter alienador das práticas sociais. (2002, p. 117).

⁶ Relativo à forma de produção, de como o sistema produtivo está organizado. Como se dá a relação econômica, social e ambiental no decorrer do processo produtivo.

⁷ Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade – Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, Capítulo I, Art. 1º.

A escola, como está inserida neste contexto, muito complexo, não pode se eximir de discutir com os discentes esta realidade que se apresenta do dia-a-dia, na propriedade dos alunos e alunas, no pátio da escola e na alimentação consumida na escola e em casa.

Várias organizações do campo desenvolvem trabalhos de capacitação, palestras, pois a escola enfrenta limitações de diversas naturezas ao discutir a realidade local e global, como define Gadotti : “[...] o global e o local de fundem numa nova realidade: ‘o glocal’” (2000, p.36). Desta forma, esse debate contribui ainda para fomentar a escola a perceber novos horizontes, a se posicionar frente a questões geralmente conflitantes. A escola se põe a margem por não perceber as mudanças significativas no cotidiano ou ainda por acreditar que é uma instituição apolítica. M. Mikhaylovich Pistrak desmistifica esta concepção “ingênua” da educação: “[...] a idéia de uma educação apolítica ou neutra não passa de uma hipocrisia da burguesia, um meio de enganar as massas. A burguesia dominante nos países capitalistas entretém cuidadosamente este engodo.” (2005. p.23) Estes trabalhos, que na maioria das vezes são iniciativas da comunidade, acontecem, quase sempre, sem nenhuma relação com os conteúdos estudados, construindo a idéia de que não é necessário estar realizando estudos mais aprofundados.

A educação ambiental faz-se fundamentalmente uma questão de ordem primária para que a prática das famílias e da escola possa ser alterada, se adequando às necessidades do meio ambiente. As crianças necessitam deste contato, destas informações para resgatar a relação com a terra e o meio ambiente que outrora era de gratidão, respeito, amor e que no atual momento é tratada como meio de exploração e lucro. É na infância que a criança vai construindo seus conceitos e sua personalidade e faz-se necessário que elas tomem conhecimento das questões ambientais, como explicita Gadotti (2000):

A sensação de se pertencer ao universo não se cria na idade adulta nem por um ato de razão. Desde a infância sentimo-nos ligados com algo que é muito maior do que nós. Desde criança nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e respeito. (p. 77)

Assim entende-se que é fundamental entender a compreensão que as crianças têm do meio ambiente, da relação com a terra, das formas de produção e suas conseqüências, apresentando a elas informações e possibilitar que comecem a pensar e refletir sobre. Como diz Gadotti: “As crianças tem o direito de viver num ambiente acolhedor, o direito de saber que mundo os adultos lhes reservaram (2000, p.79)”.

Concomitantemente à educação ambiental, deve-se trabalhar ainda na perspectiva de questionamento e mudança de algumas práticas didático-pedagógica na escola. Sabe-se que a educação brasileira tem resquícios de pedagogias tradicionais e conservadoras que não levam em conta a realidade objetiva e subjetiva dos educandos e educandas nem os têm como centro do processo educativo. Dessa forma, há que se organizar os camponeses (as) na busca de uma educação do campo emancipadora, libertadora, promotora de vida e saber, assim como afirma Kolling, Cerioli e Caldart: [...] uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade; [...] enraizada na práxis da educação popular [...] (2002. p.19).

Esta inserção deve acontecer de forma constante, seja como temática, como tema gerador/transversal, observando inclusive a interdisciplinaridade como estratégia de trabalho, na elaboração de textos e cálculos matemáticos, propiciando várias leituras sobre educação ambiental e produzir também seus materiais. Assim como afirma a Lei da Educação ambiental (1999): “A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino formal” Art. 10. E ainda dispõe sobre a forma que esta deve ser tratada dentro do currículo: “A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino” § 1º do Art. 10. Essas reflexões devem orientar a análise e a prática da escola e da família tornando este educando um crítico da realidade, possibilitando que algumas práticas degradantes sejam abolidas.

Essa discussão deve permear todas as áreas do conhecimento, em especial a leitura, a escrita e a oralidade dos educandos e educandas, permitindo assim entender como se dá no plano das idéias a compreensão a respeito da preservação do meio ambiente, mas para isso a metodologia utilizada deve propiciar espaços qualitativos e quantitativos a respeito. É preciso saber o que alunos e alunas pensam.

Do mesmo modo, a composição curricular é fundamental e precisa ser construída para e com os sujeitos do campo, tendo em vista a necessidade de estar inserindo as questões inerentes à realidade, para construir uma forma diferente de se relacionar com o meio ambiente, como enfatiza Pinheiro, sobre a importância da água: “As pessoas costumam repetir que a água é essencial para todos os seres vivos, poucos sabem que ela é um minério, como prata e ouro, entretanto não dão o valor que ela deveria ter, a não ser quando ela falta.” (2001, p.05).

É fundamental que a escola construa momentos para os pais e mães proporem conteúdos a serem trabalhados; podem contribuir, por exemplo, socializando como foi o processo de imigração, discutindo com eles a prática utilizada na propriedade, quais benefícios e malefícios. Desta forma, estarão resolvendo um dos problemas mais crônicos da educação que é a ausência da família e da comunidade na escola, seja por falta de espaço ou convite, seja por desinteresse em relação ao conhecimento construído da escola, que na maioria das vezes é totalmente alheio à realidade da comunidade.

Há então que se pensar uma proposta de ensino e formação que pense a problemática além da escola e prime pela formação integral do ser humano. Pensar a educação ambiental como um elemento mobilizador das pessoas que participam do ambiente escolar para a necessidade da preservação. Pensar a educação ambiental como concebe a Política Nacional de Educação Ambiental, é no sentido de promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria socioambiental, e de potencializar a função da educação para as mudanças culturais e sociais.

Portanto, a educação ambiental é algo além da escola e da comunidade, pois envolve diversos fatores sociais, econômicos e culturais e, precisa ser tratada pela escola com muita responsabilidade, pois as questões se apresentam no nosso dia-a-dia e precisam ser entendidas como fenômenos atípicos e indesejáveis para o equilíbrio do meio ambiente e para a sobrevivência humana como explicita Gadotti (2000):

A preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência ecológica depende da educação. É aqui que entra em cena a ecopedagogia [...] a promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. (p. 79).

Desta forma, nos debates sobre a educação do campo, surge uma importante demanda que é a construção de novas matrizes produtivas para que garantam a vida social, econômica, cultural e ambiental dos sujeitos do campo. A educação deve ser um instrumento de construção dessas matrizes permitindo transformar a realidade em razão das necessidades desses sujeitos.

A construção do conhecimento por meio da prática

Realizamos o estágio na escola Pólo Beatriz Gomes Simão localizada à linha 03, Km 55 no município de ministro Andreazza – Rondônia com as turmas de 3ª e 4ª séries do ensino

fundamental, no primeiro semestre do ano de 2007. Fomos acompanhados pelos professores Luciano, Gilberto e Claudiane.

Ao trabalhar a importância da recomposição da vegetação nativa, da recuperação de áreas degradadas, tornando ainda estas iniciativas contribuintes na subsistência familiar, realizamos uma visita à propriedade do Sr. Manoel, próximo a escola.

Uma propriedade muito organizada, tendo várias ações de preservação e recuperação ambiental, uma organização na produção que permite amenizar os prejuízos ambientais e um bom aproveitamento dos espaços já desmatados.

A postura do Sr. Manoel é a de um camponês que demonstra muito conhecimento a partir da observação do cotidiano, muito amor pela terra onde vive, preocupado com a sobrevivência da fauna e flora e acima de tudo observador e experimentador. Ele também argumenta que essa postura deveria ser coletiva, onde toda a comunidade pudesse realizar estas ações, criar a consciência e fazer na prática, tornando assim a observação e a experimentação princípios da comunidade. Ações isoladas como a do senhor Manoel são importantes, por que são passos, pois sabemos que a vida funciona do simples para o complexo, mas devem-se expandir. A comunidade deve se interar do problema e agir coletivamente para que se possa superá-lo. Gadotti destaca esse esforço numa perspectiva mundial: “Como cidadãos (ãs) do planeta, nos sentimos como seres convivendo no planeta Terra com outros seres vivos e inanimados” (2000, p.133). Boff, apud Gadotti, explicita ainda que: “Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma **nova percepção da Terra** (grifo do autor) como uma única comunidade”. (2000, p.135). Gadotti (2000) enfatiza que isso não pode ficar apenas no plano das idéias, mas deve se transformar em prática revolucionária:

A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação da nossa visão de mundo da educação, como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. (p.142).

Apesar de ser muito próxima da escola, essa propriedade, assim como nenhuma outra, nunca havia sido visitada pelos (as) alunos (as), o que gerou momentos antes da visita, muita expectativa nos (as) alunos (as) e educadores (as) que faziam muitas perguntas, pareciam espantados com o entusiasmo demonstrado pelo Sr. Manoel, na fala e nas ações que ele realizou, desde a chegada no sítio há 20 anos. As árvores plantadas, a área recuperada, o pomar, a horta e com os planos de tarefas que ele pretendia realizar.

As crianças fizeram um relatório, onde foi possível observar como foi essa interação:

Lá no meio da mata⁸

“Estava muito legal quanto mais olhando a natureza, tão bela lá tinha borboletas e animais muito legais.

As plantas que nos viu. Cerejeira, palmito, peroba, cupuaçu, açaí, cacau do mato, mexerica, coqueiro sete perna, canelão, arará-boi, bananeira, Jamelão, jabuticaba.

Na beira do rio nós vimos um Camaleão.

Ele disse que uma vez veio uns homens e matou 08 catete e trouxeram 02 e 06 estragou para os urubus comer.

Foi muito legal o passeio e nos levamos mordida de formiga. Lá tinha muita arvore. Era muito lindo.”

Uma experiência interessante foi observar a diferença de uma área de mata virgem e uma área recuperada. As crianças notavam e comentavam a diversidade de plantas e animais que desaparecem, mesmo quando a área é recuperada, o tempo que leva para se formar novas árvores. Despertaram essa compreensão de temporalidade para evitar que muitas árvores e animais sejam destruídos e que mesmo recuperando, muitas coisas nunca mais serão as mesmas.

Durante a visita à propriedade do Sr. Manoel foram vários momentos em que os alunos puderam, a partir da observação e da reflexão, construir uma nova concepção do meio ambiente.

Em certo momento da visita, posicionamo-nos no alto de um morro onde o Sr. Manoel mostrou o rio em que a mata ciliar está se recompondo a mais de 18 anos e logo a baixo o restante do rio completamente desprotegido com a pastagem até a sua margem. Num segundo momento fomos até o rio ver de perto essas situações.

Na área de mata ciliar fizemos um breve levantamento das espécies onde os alunos foram demonstrando seus conhecimentos a respeito, elencando-as: Cerejeira, Açaí, Sete-pernas, Canelão, Escorrega-macaco⁹. Chamamos a atenção deles então para que observassem

⁸ Texto elaborado num trabalho de grupo dos (as) alunos (as) da 3ª série, após a visita a propriedade do Sr. Manoel, próximo à escola. Transcrição da escrita original.

⁹ Nome dado a árvores típicas da região.

a situação do rio e os alunos disseram que o rio estava vivo, que as árvores e suas raízes cumprem um papel essencial na retenção de sedimentos, evitando o assoreamento.

As inter-relações na natureza

Ainda na área de mata ciliar questionamos aos alunos o que eles observaram de diferente na pastagem (*Brachiária Decumbens*) que chegava na divisa até a mata. Alguns disseram “*aqui está bonita*”, referindo-se ao capim próximo mata. Então perguntamos: Por que aqui está bonito? Imediatamente responderam: por que está na sombra. Então questionamos, se a pastagem fica mais bonita na sombra, por que não há árvores no pasto? Na casa de vocês há árvores na pastagem? Não responderam, ficaram pensando. Prosseguimos nessa linha de raciocínio, mostrando que a pastagem para ser boa depende das árvores, tanto para a sombra quanto para fertilizar o solo por meio da sua biomassa, assim também como o rio depende destas. Essa reflexão, assim como tantas outras da mesma natureza, levou os alunos (as) a se questionarem por que o ser humano derruba as árvores.

Aprofundando ainda este debate, já em sala de aula, num outro momento, perguntamos aos alunos (as) se eles conheciam o besouro Rola-bosta (*Onthophagus Gazella*). A maioria disse que sim. Então perguntamos: o que eles fazem nas fezes dos animais? Responderam: eles cavam, outros disseram que comiam as fezes. Procedemos com a prosa, entre perguntas, respostas e reflexões, mostrando aos alunos que na verdade tal coleóptero está simplesmente enterrando-as, já que quando ficam expostas no solo por muito tempo interferem na reciclagem dos nutrientes e passam a poluir. Esta situação ocorre quando não há a presença de besouros na área. Perguntamos então: por que muitas vezes as fezes não são enterradas pelos besouros? Os (as) alunos (as) levantaram várias hipóteses, algumas muito coerentes e outras nem tanto, mas certamente com muita lógica. Entretanto, nenhum aluno (a) raciocinou sobre as fezes estarem envenenadas. Dissemos a eles que quando administram remédios¹⁰ provenientes da indústria química produtora de insumos para a agropecuária para o controle de endo e ectoparasitas para os animais os resíduos tóxicos desses produtos saem nas fezes, e que por isso os besouros não reviram estas. Enfocamos ainda que muitos dos parasitas em bovinos se reproduzem no bolo fecal e que os besouros destroem os ovos, como é o caso da mosca-de-chifre (*Haematobia Irritans*). Assim também, o domínio desses

¹⁰ Apesar destes produtos químicos serem utilizados no controle de parasitas trazem consigo grandes quantidades de substâncias tóxicas aos próprios animais e ao meio ambiente.

conceitos e dessa inter-relação sistêmica são importantes ferramentas para a adoção de praticas ambientalmente corretas.

Esse e tantos outros exemplos trabalhados no decorrer do estágio, tanto em sala quanto fora, contribuíram para os (as) alunos (as) terem uma nova percepção sobre a natureza, que toda espécie de vida depende de outras, que a vida está articulada em ciclos e cadeias de interdependência. Assim, como também o domínio desses conceitos e dessa inter-relação sistêmica é uma importante ferramenta para a adoção de praticas ambientalmente corretas.

No encerramento da visita, as crianças agradeceram pela oportunidade de conhecer e partilhar a experiência de vida e as práticas ambientais, pedindo que seu Manoel “continue sendo um amigo e defensor da natureza¹¹”. Seu Manoel , resumiu a visita com a seguinte fala:

Que esta semente plantada nas idéias de cada um de vocês sobre a preservação do meio ambiente possa gerar muitos frutos. Fico feliz em saber que outras pessoas podem aprender com o pouco que eu fiz... A escola está de parabéns por trabalhar essa preocupação, por que é preciso começar desde cedo à conscientização das crianças.

Ao retornarmos a escola, pudemos discutir sobre a diversidade de produção da propriedade, a horta e sua importância, a recuperação das áreas, a diversidade biológica que se perdeu com a destruição da natureza. É preciso destacar que neste momento, já havíamos comprovado que a partir desse tema, como de um outro qualquer, é facilmente possível trabalhar com as crianças em qualquer área do conhecimento, desde que o educador tenha domínio do conteúdo. Assim, na matemática trabalhamos noções e resoluções de cálculo de área de terra, em língua portuguesa leitura e escrita, em ciências as partes da planta, microorganismos, etc. Mas essa interdisciplinaridade é um processo, pois sempre que iniciávamos um assunto os alunos perguntavam: Em qual caderno? e era difícil responder: em qualquer um, pois sabíamos que saindo dali o professor retomaria a velha dinâmica das “caixinhas”¹² e os alunos não encontrariam, por exemplo, todo o conteúdo cobrado para prova de matemática. Debatesmos ainda que toda iniciativa é fundamental e que falta muitas vezes boa vontade em iniciar o trabalho. Assim as crianças poderão perceber que o que foi feito pelo Sr. Manoel pode ser feito com qualquer propriedade, desde que a pessoa se proponha a

¹¹ Fala de um aluno da 3ª série no encerramento da visita. Transcrição da fala original.

¹² Termo utilizado para representar o processo de ensino-aprendizagem dividido em matérias.

colocar a vida em primeiro lugar e o lucro, o capital em segundo plano. A prática está próxima e acessível a nossa realidade.

Nessa perspectiva de mostrar na prática iniciativas que demonstram a lógica da preservação ambiental e o aproveitamento dos recursos que acabam sendo jogados fora, trabalhamos a realização da Compostagem, que consiste em aproveitar os restos orgânicos para realizar adubação de hortas, lavouras, jardins. Através dos materiais em decomposição, fornecer matéria orgânica para o solo, como também fornecer alimento aos microrganismos do solo. Realizamos na horta da escola, coletando os materiais na cozinha e nas propriedades vizinhas. Os alunos realizaram a escrita de um texto comentando os passos para fazer o composto e onde podemos utilizá-lo. Os alunos puderam perceber a importância e a diversidade da microbiologia do solo, como se dá o processo de decomposição dos materiais e a importância dos elementos responsáveis pela decomposição (ar e água). O texto produzido dizia o seguinte:

“Compostagem”¹³

Antes de tudo procure o local que você vai fazer o composto, e depois procure os materiais que deve ser usados para fazer o composto. Como: 20 cm de palha, 5 cm de esterco, molhe até o composto ficar encharcado, jogue um pouco de cinza, coloque folhas verdes, ponha terra da mata, esterco, molhe o composto de novo e enfinque três estacas.

Devemos molhar o composto todos os dias e revirar o composto para ajuda-lo á podreecer os materiais.

Você pode usar na horta.”

O que é compostagem¹⁴

os esterco, capim, laranja e folhas verde

e para molhar o esterco. e ponha bastante capim

bastante Bota de Boi e semana e semana meche os esterco

e tambem pone cisa para fazer os esterco iso é uma coisas muito

¹³ Texto de um aluno da 4ª série, resultado de uma atividade de sistematização do trabalho com compostagem. Transcrição da escrita original.

¹⁴ Texto de uma aluna da 4ª série em uma atividade de sistematização do trabalho com a compostagem. Transcrição da escrita original.

Uma primeira questão que nos chamou a atenção nos textos produzidos, embora estivéssemos empenhados em trabalhar a problemática da Educação Ambiental, foi perceber que estes dois textos revelam a disparidade quanto a habilidade de escrita entre os alunos. Assim a convivência em sala de aula nos permitiu identificar problemas seríssimos de cunho pedagógico relacionados aos processos de ensino-aprendizagem, relação educador (a) X educando (a) e outros que poderão ser objeto de estudo de um novo artigo. Isso revela-nos o quanto a educação, principalmente na escola do campo, está “abandonada” pelo Estado, como também convida a comunidade a adotar uma postura político-pedagógica mais crítica, participativa e organizativa frente à escola. Percebemos também, no trabalho em sala de aula, nos (as) alunos (as) uma relação de dependência, de atos mecânicos e de falta de autonomia, que dava-nos a impressão de estarmos lidando como “robôs”. Tudo que faziam, inclusive as necessidades fisiológicas, dependia da autorização do educador (a).

Realizamos ainda a experiência do terrário a fim de que os alunos e alunas percebam de forma simplificada o funcionamento do planeta. Através da observação da vida dentro de uma garrafa, podemos nos reportar para o planeta terra e a condição que nos colocamos nele. Somos uma parte minúscula na representação do planeta, no entanto nossas ações influenciam globalmente. Esse debate foi muito produtivo e remeteu as crianças a considerarem as práticas pontuais de devastação que juntas causam conseqüências globais. Essa percepção do local e o global que começa a surgir é um elemento fundamental quando se pensa a vida de todo o planeta. Vivemos num sistema integrado onde uma espécie depende da outras e das condições biológicas para a sobrevivência.

Possibilitar a observação, o pegar, o sentir das experiências educativas, torna o processo mais palpável, objetivo e interativo. Permite perceber os detalhes daquilo que é vivenciado no dia-a-dia, e a compreender os fenômenos naturais como próprios da natureza. Gadotti (2000) destaca a importância em observar que muitas vezes exige um processo de reeducação para poder percebermos as interferências e a lógica intrínseca e extrínseca nos fenômenos naturais:

Reeducar o olhar significa desenvolver a atitude de observar a presença de agressões ao meio ambiente, criar hábitos alimentares novos, observar o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar etc. e intervir no sentido de reeducar o habitante do planeta. (2000, p. 132)

Como estes fenômenos são vivenciados, constante e diariamente, é preciso uma postura investigativa para se notar as relações entre eles e o quanto isso está relacionado com o que estudamos na escola e o que vivenciamos no dia-a-dia. Fazer essa aproximação da

realidade vivida pelos (as) educandos (as) e transformá-la em objeto de estudo, torna-se um importante instrumento de valorização da vida campesina e da relação com a terra e com a natureza.

Ao lado da escola existe um córrego que está em processo de degradação, de assoreamento e sem mata ciliar. Então, nas discussões e atividades realizadas em sala, surgiu a possibilidade de recuperar esta área. Realizamos uma conversa com o proprietário que se colocou e colocou a área a disposição da escola.

Já havíamos divulgado a execução em diversos espaços, como a secretaria de Agricultura e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que destacaram a importância da realização do projeto e se disponibilizaram em colaborar. O Sindicato executa um projeto de recuperação de áreas degradadas chamado Reviver, que trabalha também em parcerias com as escolas e grupos organizados do município. Quanto à proposta de recuperação da área, o Projeto Reviver juntamente com agricultores da comunidade realizaram a doação de 400 mudas e ainda se comprometeram em realizar um acompanhamento da experiência durante a vigência do projeto, realizando atividades práticas, como também, atividades formativas juntamente com a escola. Ficou então, estabelecido num encontro¹⁵ do projeto a parceria para a recuperação da área.

Em parceria com a prefeitura, que disponibilizou um veículo, buscamos as mudas e fomos realizando com a turma o plantio, contando com a ajuda do funcionário da escola. Nesse processo trabalhamos ainda a importância de disponibilizar a maior quantidade de espécies possíveis na recuperação de uma área e a importância de dispô-las de forma variada, misturando as espécies, variando a distância de acordo com a formação vegetal de cada uma.

Realizamos juntamente com os alunos, como forma de sistematizar os conhecimentos discutidos e aprofundados, a construção de um caderno de agroecologia. Neste caderno foram registradas as informações que apareceram nos debates da sala de aula, nas observações das práticas realizadas na escola e informações que eles buscaram nas famílias, nos vizinhos e outros. A fim de valorizar o conhecimento empírico das pessoas que convivem com as crianças, propomos uma forma de coletar essas informações que ocorreu através de um

¹⁵ Encontro realizado no Centro de Formação Pe. André Pazágli, na sede do município, com os beneficiários do Projeto Reviver e com a direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Neste encontro foi aprovado que a escola seria beneficiária e que o projeto deveria realizar diversas ações na escola.

questionário elaborado pelos alunos. Em coletivo, sintetizamos as informações coletadas para compor esse caderno.

Nesse processo de sistematização pudemos verificar que várias práticas cotidianas foram substituídas por implementos melhorados, por produtos químicos por causa de uma maior praticidade, mas que tem gerado um alto grau de dependência e prejuízos financeiros. O material produzido não tem um enfoque científico e apresenta muitas deficiências e fragilidades nos conteúdos, mas é um dos únicos materiais produzido pelos alunos e que ficará a disposição na biblioteca. Um material pesquisado e sistematizado pelos próprios alunos.

Para finalizar o estágio realizamos um seminário para apresentar as atividades realizadas, discutir a agroecologia e firmar publicamente a parceria com Projeto Reviver. Participaram desse momento todos os/as alunos/as da escola e pais dos/as alunos/as da 3ª e da 4ª série. Tivemos uma participação considerável dos pais, que em geral, estão afastados das atividades escolares, mesmo estando no período de colheita do café¹⁶. Eles se manifestaram satisfeitos com a execução do projeto e deveria haver um maior reconhecimento da importância e uma maior participação da escola, como disse uma mãe que participou: “as pessoas muitas vezes não valorizam os ensinamentos, não querem saber o que é ensinado aos nossos filhos e nem participam das atividades. E ensinar sobre o meio ambiente é muito importante pra nós que vivemos na terra.”¹⁷

No corpo docente da escola há essa percepção da importância da participação da família, da realização de atividades que venham interagir com as diversas formas de participação e construção do conhecimento. Entretanto a dinâmica de funcionamento da escola brasileira impossibilita essa participação.

Desde o início da execução do projeto, a maioria dos professores buscou conhecer o projeto, uns com mais afinco, outros, porém sem muito entusiasmo, mas de alguma forma todos tomaram conhecimento da proposta e participaram dos momentos coletivos. Os professores da 3ª¹⁸ e o professor da 4ª série participaram de forma ativa, propondo,

¹⁶ Principal produto cultivado pelos (as) agricultores (as) da região. Compreendendo que no período da colheita as pessoas trabalham na maioria das vezes o sábado e o domingo, por causa da rápida maturação dos grãos.

¹⁷ Fala de uma mãe de um aluno da 4ª série que mora a 8 Km da escola e participou do seminário.

¹⁸ Iniciamos o trabalho de estágio tendo como professor titular o vice-diretor, que lecionou até a que professora contratada no processo seletivo chagasse e assumisse a sala definitivamente.

questionando e contribuindo imensamente nos momentos de planejamento e avaliação do trabalho.

Esta postura contribuiu para uma interação das ações realizadas em sala e fora dela, na reflexão das práticas adotadas pela escola, principalmente na organização do espaço escolar: horta, jardim, na recuperação da área ao lado da escola. Quando as pessoas elogiam ou criticam demonstram que estão atentos e participantes no processo.

Considerações Finais

É notável que a educação ambiental provoque ações e reflexões por tratar de questões do cotidiano. É um elemento aglutinador de esforços e opiniões, mesmo que, muitas vezes, fica restrito a comentários, reflexões, conteúdos de sala de aula. Discutir permite articular o trabalho pedagógico interno, como também envolver e comprometer os pais e a comunidade. Auxilia a escola a superar um problema secular: a dicotomia entre escola e comunidade. Tiriba analisa essa distância e aponta conjecturas sobre:

[...] portanto, não podia ser outra forma: o sentimento internalizado, porque fruto da experiência vivida, é o da escola como benefício. E não como direito, o que, “de fato” não vem sendo. Talvez se possa afirmar que está aí uma das causas primeiras da distância da família entre a escola, pais e comunidade. (1992. p.118)

Por isso destacamos como fundamental trabalhar atividades práticas, como recuperar a área ao lado da escola, fazer a compostagem, terrário e visitar a propriedade do Sr. Manoel. Primeiro para demonstrar na prática que é possível fazer e, segundo porque possibilitou o envolvimento dos pais e da comunidade, fornecendo informações aos alunos (as), na doação de mudas e sementes, coleta de materiais orgânicos para a compostagem.

No decorrer do projeto construímos situações de reflexão, observação, práticas e sistematização dos conhecimentos prévios e dos elaborados. Contudo, não resolvemos a situação ambiental da comunidade, não recuperamos os rios, não retiramos o veneno jogado na terra, tampouco reerguemos as árvores derrubadas, mas provocamos as pessoas, principalmente educandos e educandas, a pensarem suas práticas, rever seus conceitos, valorizar as experiências vizinhas, observar com um olhar ambientalista as relações de produção estabelecidas. Questionamos às famílias e comunidade em geral, sobre a forma de ver e de se relacionar com o meio ambiente, com as outras formas de vida, a partir de uma concepção dialético-materialista da vida e da natureza em suas leis principais: a contradição, a dinâmica e a interdependência.

Isso demonstra que a escola ou a educação ambiental não é a única responsável pela conscientização e percepção da necessidade de preservação e cuidado com a terra. Porém a escola é um dos espaços em que este debate pode tornar fecundo, contribuindo significativamente para a mudança de atitudes.

Iniciar a recuperação do rio ao lado da escola foi uma ação concreta de provocação pontual, local. As 400 mudas plantadas não iram recuperar toda a área, entretanto, a escola pôde perceber que sem investir recursos financeiros, articulando as possibilidades, interagindo com a comunidade é possível fazer uma transformação da realidade. As pequenas mudanças (local) são passos estratégicos para uma grande mudança (global).

Para isto, a escola e os (as) educadores (as) precisam conhecer passo a passo a dinâmica da vida, as diversas concepções de relação com a natureza. De forma geral há uma resistência de trabalhar essa temática pela falta de materiais e por exigir também uma mudança de postura. Neste caso frisamos a importância da parceria com o projeto Reviver, haja vista que para este tipo de trabalho necessita-se de pesquisa, observação, conhecimentos técnicos, trabalho interdisciplinar e paciência para acompanhar o processo e atividades práticas.

Desenvolver também a consciência de que esse processo é gradativo e muito lento. São mudanças que poderão ser percebidas e muitas nem notadas, por que é uma questão de atitude, de percepção, de compreensão. Neste sentido, necessita-se desenvolver uma paciência pedagógica e perseverança, nos momentos em que não sentimos palpáveis as transformações que almejamos enquanto educadores (as). Uma rocha demora muitas vezes milhões de anos para se transformar em solo, mas nem por isso a natureza interrompe o ciclo por não ver as coisas acontecerem no dia seguinte.

Referências

BRASIL: Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília – DF, 1999.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. 4. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Coleção Por Uma Educação Do Campo, nº 4. São Paulo – SP: Articulação nacional Por uma Educação do Campo, 2002.

PINHEIRO, Sebastião. Cartilha da Água e dos Recursos Hídricos. São Leopoldo – RS: Fundação Juquira Candiru, 2001.

PISTRAK. Fundamentos da Escola do Trabalho. 4. ed. São Paulo – SP: Expressão Popular, 2005.

SOUZA, Ana Inês. (Org). Paulo Freire. Vida e Obra. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

TIRIBA, L. A escola aprende com a vida, a vida aprende com a escola. In. Buscando caminhos para a pré-escola popular. São Paulo: Ática, 1992.